

# R U Y F A B I A N O

## Palmeira, a bola da vez

Nos bastidores da campanha de Fernando Henrique Cardoso reina a mais ruidosa e compreensível euforia. O candidato, segundo todas as pesquisas — Ibope, Datafolha, Vox Populi etc. —, está em pleno voo ascendente, próximo a ultrapassar Lula. Este, por sua vez, está em declínio, depois de ter acreditado até que venceria no primeiro turno.

O Plano Real, como desejava o comando da campanha, foi bem recebido pela população e, mais que isso, imediatamente associado à imagem do candidato tucano. Se prosseguir dando certo até novembro, época do segundo turno, FHC continuará ancorado num bom discurso.

Enfim, a sorte parece lhe sorrir e quase nada o ameaça. Quase. Há um calcanhar-de-aquiles na coligação tucana, que o PT pretende bombardear com maior intensidade no horário gratuito eleitoral do rádio e da televisão, que se inicia na próxima terça-feira. Trata-se do companheiro de chapa de FHC, o senador Guilherme Palmeira (PFL-AL). Tal como o ex-vice de Lula, senador José Paulo Bisol (PSB-RS), Palmeira também está sob pesadas acusações de corrupção.

É acusado, como Bisol, de manipular verbas do Orçamento da União, em benefício pessoal, no caso, privilegiando a Construtora Sérvia. Se o senador é inocente ou não, é outra história, que será esclarecida em algum momento na instância judicial. Isso obviamente demora e ultrapassa o calendário eleitoral. O que importa, do ponto de vista da campanha, é que, tal como Bisol, Guilherme Palmeira tornou-se um problema. Terá que se explicar, jurar inocência, sempre que for provocado — e o será, como é previsível, sempre.

Palanque, conforme o PT entendeu com dois meses de atraso, não é local para explicações. Candidato que muito se explica aca-

ba perdendo eleitor. O PT, ao se livrar de Bisol, retoma a postura agressiva de sempre e readquire condições de acusar, provocar, instigar — ações em que comprovadamente é competente. Resumo da ópera: o PSDB está prestes a enfrentar o mesmo problema recém-vivido pelo PT. Terá que dar um jeito no seu vice.

Do ponto de vista da repercussão pública, a revelação de que há um anão no PFL, ao contrário do que ocorreu com o PT, não chega a gerar maiores espantos. Mas não deixa de ser um incômodo. A opinião pública tem sido implacável em questões éticas, não poupando sequer a Seleção tetracampeã, quando envolvida em isenções alfandegárias irregulares. Sabe-se que uma revista paulista investiga em profundidade as atividades de Guilherme Palmeira em seu estado, Alagoas. Não se sabe ainda o que apurou, mas um perfil do personagem está em preparo, para publicação. O PT prepara seus dossiês. Vem chumbo grosso por aí.

É previsível que, nessa hipótese, PSDB e PFL ajam com maior rapidez que o PT. Primeiro porque tiveram a oportunidade de verificar o desgaste que a lentidão decisória provocou no caso Bisol. Segundo porque são partidos de perfil mais pragmático, cujos processos decisórios não percorrem tantas instâncias quanto no PT. Neste, até um prosaico bom-dia é submetido a exaustivos debates e votações. Já no PFL e PSDB, partidos marcadamente hierarquizados, quem manda é a cúpula.

No extinto PSD, que reunia raposas como Benedito Valadares e Tancredo Neves, as atas eram preparadas antes das reuniões, que acabavam tendo cunho meramente homologatório. No PFL, a instância decisória atende pelo nome de Antonio Carlos Magalhães, que não costuma ter qualquer constrangimento em demitir quem eventualmente atrapalhe seus planos.